



Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Servidores Públicos do Município de Indaial - SC

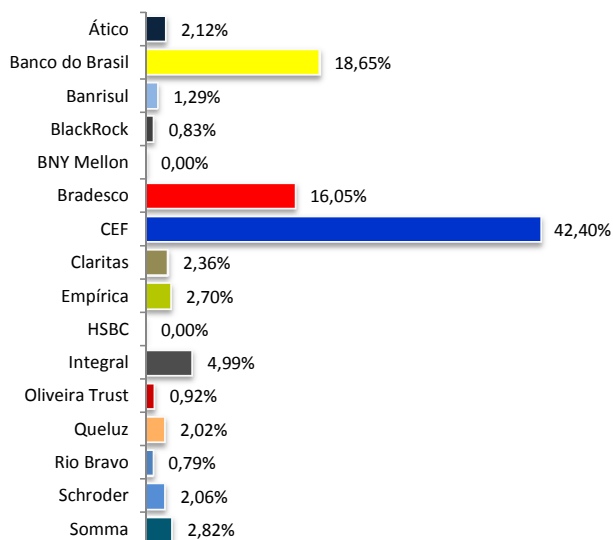
Relatório da Carteira de Investimentos

ABRIL

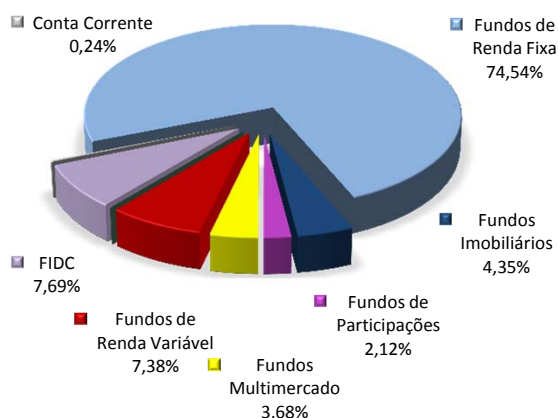
Os recursos do INDAPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuída da seguinte forma:

Distribuição por Instituição Financeira



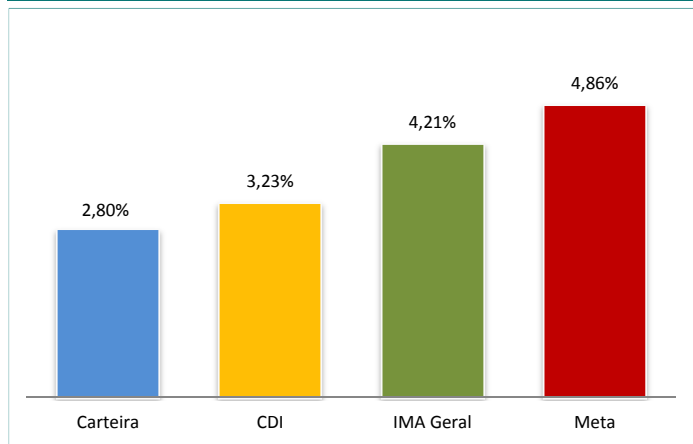
Distribuição da Carteira de Investimentos



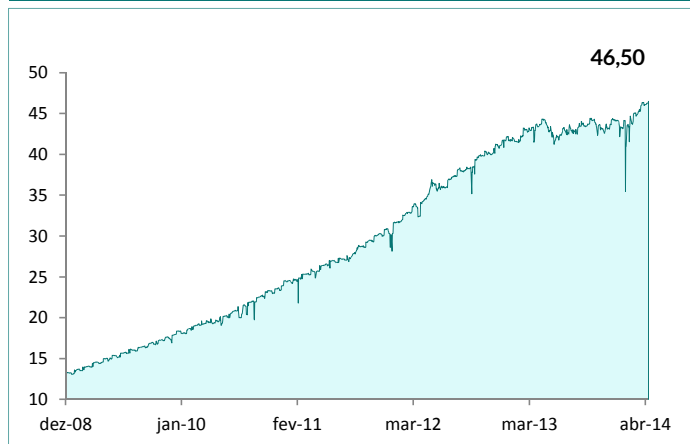
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
INDAPREV	1,39%	2,80%	-3,55 %
CDI	0,81%	3,23%	9,12%
IMA Geral	1,63%	4,21%	1,98%
Meta Atuarial (INPC + 6%)	1,27%	4,86%	12,09%

Carteira x Indicadores em 2014



Evolução do Patrimônio (em R\$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do INDAPREV tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.



ANÁLISE MACROECONÔMICA

A atividade econômica nos Estados Unidos parece estar passando por um período de recuperação, após os resultados muito ruins do primeiro trimestre. A prévia do PIB do primeiro trimestre indicou crescimento de mero 0,1%, muito abaixo do esperado, que estava em 1,1%. Além disso, provavelmente quando o número revisado for divulgado, devemos ter uma queda do PIB americano em 0,3% ou 0,4%. O principal responsável por este cenário adverso foi o inverno mais rigoroso e as nevascas, que atrapalharam a trajetória de crescimento americana. Os indicadores de abril mostram, por outro lado, que devemos ter resultados excelentes no segundo trimestre, provavelmente acima de 4%, o que compensará o leve tobo ocorrido no início do ano. Neste contexto, o FOMC manteve inalterado o tapering, e reduziu em US\$10 bilhões as compras mensais de ativos, chegando ao valor de US\$45 bilhões por mês. Assim, nossa expectativa com relação ao tapering se manteve inalterada, isto é, acreditamos que nas próximas três reuniões o FOMC irá manter a redução de compras em US\$10 bilhões, e em outubro retirará os US\$15 bilhões restantes. Com relação ao momento em que ocorrerá o aumento dos juros, as últimas declarações da Presidente do Fed, Janet Yellen, têm demonstrado preocupação especial com a performance do mercado imobiliário, que vem sendo atingido pelo aumento dos juros das hipotecas. Desta forma, a elevação dos juros deve ocorrer entre o segundo e o terceiro trimestre de 2015, com maior probabilidade de ocorrer entre junho e agosto.

Na Zona do Euro os indicadores vêm confirmando que a atividade econômica não caminha mais em direção à recessão. A atividade deve registrar crescimento neste ano, ainda que em patamar baixo. A inflação muito baixa continua preocupando o Banco Central Europeu, que vem demonstrando interesse em colocar mais estímulos sobre a economia. Após a última reunião, o Presidente Mario Draghi indicou que poderá utilizar medidas tradicionais ou não de relaxamento monetário. Em nossa visão, a primeira ação do BCE deve ser zerar sua taxa de juros, que atualmente se encontra em 0,25% a.a. E após isso, o Banco Central poderá agir de maneira não tradicional – em linguagem mais clara, comprando ativos, como fez o Federal Reserve.

Na China a desaceleração econômica deixou de ser novidade. O PIB do primeiro trimestre do ano veio em 7,4%, desacelerando em relação ao PIB do último trimestre de 2013, que havia crescido 7,7%. O crescimento não deixou de ser forte, mas devido à sua importância para o crescimento mundial, a repercussão acaba sendo muito negativa sobre os mercados, em especial os emergentes, que são grandes exportadores de commodities para a China. Como a meta de crescimento chinês é de uma taxa de 7,5% para este ano, o governo vem colocando medidas de estímulos em nível microeconômico. Nossa visão é de que a o país ainda está passando por um processo de transição de uma economia planificada para uma economia de mercado, e esta quantidade de pequenas intervenções que o Estado vem fazendo é apenas um reflexo disso. Para que o país possa atingir um crescimento sustentável, seria necessária uma aceleração deste processo de transição – e não mais interferências do Governo.

No Brasil, o mês de abril foi marcado por uma inflação mais baixa que o esperado, e pela consequente desinflação em relação a março – o IPCA registrou 0,67% em abril, ante a taxa de 0,92% em março. A inflação ainda está muito longe do centro da meta estipulado pelo Conselho Monetário Nacional, mas pelo menos já dá sinais importantes de que o choque de alimentos ocorrido em março teve parte relevante de seus efeitos mitigada. A Ata da última reunião do Copom deixou claro que o Comitê não está confortável em prolongar o ciclo de aperto monetário iniciado em abril do ano passado e, para nós, foi um sinal claro de que, se não houver nenhuma surpresa inflacionária, o Comitê irá manter a Selic estável em sua próxima reunião, no final de maio. Efetivamente, tivemos algumas boas notícias para o controle da inflação: os preços dos alimentos estão cedendo, o IPCA de abril veio menor que as estimativas, a atividade está perdendo muita força e o real vem se apreciando em relação ao dólar, devido à forte entrada de recursos estrangeiros. Ainda temos muita pressão pelo lado fiscal – os resultados fiscais do governo são fortemente questionáveis, o setor de serviços continua com a inflação rodando próximo de 9% a.a., e a taxa de desemprego permanece baixa. Para piorar, o risco de racionamento de energia elétrica é cada vez maior, mas tal racionamento deverá ser postergado o máximo possível pelo governo. Como ainda não houve qualquer surpresa negativa – ou melhor, as más notícias já eram conhecidas – e os efeitos da política monetária ainda estão sendo sentidos, dado seu efeito defasado e cumulativo, mantivemos nossa expectativa de manutenção da taxa Selic em 11% a.a.

RENDA FIXA

No segmento de renda fixa, abril foi um mês de ganhos e de menor volatilidade. A ausência de surpresas relevantes nos indicadores econômicos, aliada à calmaria no mercado externo motivou a queda nas taxas de juros futuras com o aumento do fluxo de investidores estrangeiros. O acirramento do cenário pré-eleitoral também tem exercido influência nas taxas à medida que os principais candidatos de oposição ficam mais competitivos pelas pesquisas de intenção de votos divulgadas. A leitura do mercado para este cenário alternativo é de que um ajuste mais agudo em 2015 terá reflexo positivo na ponta mais longa da curva de juros.



Como consequência, o IMA-B, subíndice da família IMA que expressa a rentabilidade dos ativos atrelados à inflação (NTNs-B), assinalou variação de 2,24% no mês. O IMA-B 5, subíndice que expressa a variação dos títulos com vencimento em menos de 5 anos, assinalou variação de 1,32% no mês, enquanto o IMA B 5+, subíndice que expressa a variação dos títulos longos (com cinco anos ou mais), assinalou variação de 3,17%.

O IRF-M, subíndice da família IMA que expressa o retorno dos ativos prefixados (LTNs e NTNs-F), assinalou variação de 1,28% no mês. O IRF-M 1, subíndice que expressa a variação dos títulos prefixados com menos de um ano, assinalou variação de 0,89%, ao passo que o IRF-M 1+ assinalou variação de 1,49%.

O IMA Geral, índice construído pela média ponderada dos subíndices da família IMA, assinalou variação de 1,63% no mês de abril de 2014.

Por fim, o CDI (Certificado de Depósito Interbancário) assinalou variação de 0,81% no mês de abril.

RENDA VARIÁVEL

No mês passado, havíamos assistido um movimento forte de alta com base em fatores inesperados pelo mercado como a divulgação de pesquisas eleitorais que, pela primeira vez, apontou uma possibilidade real das candidaturas opositoristas vencerem a corrida presidencial. Agora em abril, a bolsa voltou a apresentar desempenho positivo com uma alta de 2,4%. Entretanto, tal movimento continua fruto da melhoria das expectativas futuras de um ajuste econômico por parte de um próximo governo pró-mercado e não por uma evolução concreta dos fundamentos da economia brasileira.

O fluxo positivo continuou nas estatais Petrobrás, Eletrobrás e Banco do Brasil. Destaque de alta para os setores Bancário e Financeiro, confirmados no mês de maio com a publicação de resultados positivos. Apesar do cenário doméstico negativo com consumo em desaceleração e produção industrial em queda, algumas empresas dos setores de alimentação, varejo e bens de capital também apresentaram uma boa performance.

Do lado negativo, o setor de construção civil continua fraco e apresentando resultados ruins e abaixo do esperado pelo mercado. Os segmentos vinculados ao setor automobilístico também sofreram impacto negativo com os dados de produção e venda de veículos em desaceleração.